

que esta causa o compromete como testemunha do Evangelho de Cristo. “A Igreja – assim refere uma⁵¹ outra passagem conciliar – em virtude do Evangelho que lhe foi confiado, proclama os direitos do homem e reconhece e tem em grande apreço o dinamismo do nosso tempo, que por toda a parte promove tais direitos ⁵¹.

MANUEL DE PINHO FERREIRA

A Revelação de Deus e a universalidade da salvação na tradição sapiencial

1. Textualidade e identidade do sapiencial bíblico

Classificam-se habitualmente com o nome de «Sapienciais» os seguintes Livros do Antigo Testamento: Job, Salmos, Provérbios, Qohelet (ou Eclesiastes), Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sira (ou Eclesiástico). Esta arrumação é hoje manifestamente insuficiente, pois há muitos outros textos esparsos no corpo do Pentateuco e dos Livros Históricos e Proféticos – nomeadamente os Livros do Génesis, Rute, Tobias, Judite, Ester, Macabeus, Daniel, Baruc e Jonas – que apresentam marcas de teor sapiencial. Mas vistas as coisas mais a fundo, teremos de reconhecer que é o inteiro Livro da Bíblia que apresenta um travejamento sapiencial, dado que, nas palavras argutas de Baruc e de Ben Sira, «a Sabedoria é o Livro» (Ecli 24,23; Br 4,1).

A Sabedoria é como a respiração: não se dá por ela

Se nos ajustarmos à arrumação clássica, a primeira coisa que se pode dizer da Sabedoria é o quanto é fácil não falar da Sabedoria. A locução «A Lei e os Profetas» diz todo o Antigo Testamento, sem que seja necessário acrescentar «os Sábios». A Sabedoria é amiúde considerada expletiva ou decorativa, pelo que tem sido muitas vezes marginalizada ou até omitida nos estudos do Antigo Testamento ¹. Os Provérbios recolhidos

⁵¹ *Ibid.*, 41 c.

¹ Estado da situação em H. G. REVENTLOW, *Problems of Old Testament Theology in the*

por Salomão, por Ezequias ou por Jesus Ben Sira, são, com certeza, interessantes. Mas um provérbio não é uma revelação. O domínio do provérbio é o do já dito. A língua é o que já lá está antes de nós, e o provérbio, que é a mais pequena moeda da conversação e a mais pequena medida da poesia ², é o que já está na língua ³.

É ainda fácil não falar da Sabedoria, porque a Sabedoria desce à nossa terra e se insinua nas pregas do nosso quotidiano. A Sabedoria é a vida no que a vida tem de mais elementar. É aquilo em que não pensamos, tão natural o achamos. Como quando respiramos. A Sabedoria não tem idade. É o que continua lá desde sempre ⁴. Simplesmente. A matéria da Sabedoria faz a conversação que se tem com os mais pequenos, com quem está a começar, as crianças e os pobres. A Sabedoria é o regresso a casa, ao elementar, à família, ao lar, à sociedade do homem e da mulher, e da criança que os continua ⁵. É o regresso ao tempo de nascer, de crescer e de morrer e de acreditar na própria existência, que é a esperança na forma mais radical que se possa conceber ⁶. O tempo da Sabedoria é, muitas vezes, um tempo sem grande história, sem acontecimentos. Um tempo sem acontecimentos não se conta; canta-se. O tempo da poesia não é o tempo das datas; é o tempo das estações ⁷. Ao longo do Livro dos Provérbios, de Job, de Qohelet, os Sábios podem escrever acerca da Sabedoria e de Deus como se nada soubessem da história bíblica ⁸.

Nesse sentido, Job é um estrangeiro, um homem simplesmente, e o nome de YHWH apenas por uma vez aparece na boca das personagens do Livro, e é porque é citado um provérbio que o contém: «YHWH o deu, YHWH o tirou! Bendito seja o nome de UHWH!» (Jb 1,21).

Twentieth Century, Londres, SCM, 1985, p. 168s.; ver também G. VON RAD, *Israël et la Sagesse*, Genebra, Labor et Fides, 1972, p. 17.

² P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. Essai de Lecture* (tomo I), Paris, Seuil, 1976 (nova impressão, 2000), p. 109.

³ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 106.

⁴ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 109.

⁵ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 107.

⁶ P. BEAUCHAMP, *Testament biblique. Recueil d'articles parus dans Études. Préface de Paul Ricoeur*, Paris, Bayard, 2001, p. 80 e 99. Ver também J. L. SKA, *La strada e la casa. Itinerari biblici*, Bolonha, EDB, 2001, p. 49, citando frases célebres de Tagore («Cada criança vem ao mundo com uma mensagem: Deus ainda não está cansado dos homens») e de Françoise Mallet-Joris («O maior acto de fé é dar à luz um filho»).

⁷ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 109.

⁸ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 117.

Com os filhos de Adam

Remontando ao antes da criação do mundo (Br 3,38; Pr 8,22-31; Ecli 24,9; Sb 9,9), a Sabedoria posta-se bem a montante de Israel ⁹, estabelecendo a sua morada entre os filhos de Adam (*benê 'adam*) (Pr 8,31), entre todos os povos e nações (Ecli 24,6-7), muito antes de se estabelecer entre os filhos de Abraham, o primeiro Israelita que aparece sobre a terra dos homens, quando já decorre o *annus mundi* 2021, ano em que escuta o apelo de YHWH e se põe a caminho da terra que YHWH lhe fará ver (Gn 2,4) ¹⁰.

De facto, naquela parte da Bíblia que vai da Criação até Noé, e um pouco além de Noé, não se fala de Israel uma única vez. Não sendo a história de Israel, dado que, nesse período, Israel ainda não existia, é, porém, a história que Israel relata: «relação» de Israel com o seu começo, as Nações ¹¹. E essa história que Israel relata deixa passar mais de 2000 anos até que apareça um Israelita sobre a terra. E a verdade é que, durante todo esse tempo, a humanidade já se relaciona com Deus, sem, para tanto, necessitar da mediação de Israel. Ainda não há o povo eleito, mas já há eleitos que permanecerão como modelos para sempre. É o caso de Abel, de Henoc, de Noé. Portanto, afirmar, sem mais, que o Deus do Antigo Testamento é o Deus de Israel e dos Judeus, é uma afirmação radicalmente insuficiente. Para não dizer radicalmente incompetente. Nem se trata de retirar mérito a Israel ou aos Judeus. Pelo contrário. Falando assim, estamos, na verdade, a trair Israel, mostrando que escutámos mal o seu relato, pois é mérito e honra dos filhos de Israel que o Livro Santo, por eles escrito, tenha um conteúdo universal tão declarado. Na verdade, os 11 primeiros Capítulos do Génesis desempenham um papel fundador, pelo que cairíamos num enorme contra-senso se fôssemos levados a pensar que este início da história humana é relatado para ser abandonado logo de seguida. Equivaleria a pensar que Deus amou a humanidade saída de Adam para nada. Simplesmente para a rejeitar logo que, a seu tempo, escolhesse Abraão. Uma tal concepção seria pecar contra o Espírito. E contra a letra ¹².

⁹ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 118.

¹⁰ De facto, Abraão nasce no *annus mundi* 1946 (Gn 11,26), para emigrar no *annus mundi* 2021 (Gn 12,4). J. BLENKINSOPP, *Il Pentateuco. Introduzione ai primi cinque libri della Bibbia*, Brescia, Queriniana, 1996, p. 63; J. L. SKA, *Introduzione alla lettura del Pentateuco. Chiavi per l'interpretazione dei primi cinque libri della Bibbia*, Roma, Dehoniane, 1998, p. 37.

¹¹ P. BEAUCHAMP, *Pages exégétiques*, Paris, Cerf, 2005, p. 437.

¹² P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, Paris, Seuil, 1987 (nova impressão, 2003), p. 90.

Na verdade, a literatura bíblica de teor sapiencial é universal e faz eco constantemente dos 11 primeiros Capítulos do Génesis. Isto não impede essa literatura de ter reflectido sobre a *eleição*, exactamente porque a substância da eleição é a relação do eleito com a universalidade das nações. Podemos mesmo afirmar que a Bíblia inteira respira por esta função universal da Sabedoria. A Sabedoria é o pulmão da Bíblia ¹³.

Travejamento do Livro e seu movimento figural

Atravessemos o Livro, acompanhando um pouco o seu movimento figural.

A Bíblia abre com *Adam*. *Adam* é o Homem criado à *imagem* do Deus Um, e vê-se melhor em contraponto com os animais e a multiplicidade das suas espécies. O animal é múltiplo. O Homem é um. *Adam* é um modo simples e maravilhoso de dizer que todos os homens são irmãos. Não está lá escrito com todas as letras: «Todos os homens são irmãos». Mas o texto guarda e faz notar uma pergunta não formulada: «Porque é que temos todos um só Homem como pai?» Só aquele que descobre a resposta: «Nós somos todos irmãos» – esse, e só esse – atinge a verdade do relato. Saber que temos todos o mesmo pai não serve de nada, se daí não tiramos a conclusão da fraternidade universal ¹⁴.

Mas também o termo *imagem* ganha um sentido muito forte no contexto do confronto com os animais. É aí que ficamos a saber que a vida não é suficiente para fazer do Homem *imagem* de Deus, pois também as plantas e os animais têm o poder de se reproduzir, próprio dos seres vivos. O facto de ser «macho e fêmea» tão-pouco é suficiente, pois também isso se verifica no mundo animal. É a *unidade* do humano que o constitui à *imagem* de Deus. Porque Deus é *Um*. Mas vê-se ainda que esta unidade do humano não é um dado simplesmente adquirido. É uma missão e uma tarefa sempre a cumprir. *Adam* recebe a missão de dominar os animais, impedindo que eles se devorem uns aos outros (Gn 1,28-30). Vê-se nos interstícios do texto que, sem o domínio de *Adam*, os animais se devorariam uns aos outros, precisamente porque eles não são irmãos como os homens. Mas está também nos interstícios do texto, que é fruto de uma constatação porque sempre tardio em relação aos factos, que a unidade do

¹³ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 107.

¹⁴ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 76.

humano já foi quebrada, e que o Homem é agora, como hoje se vê, não imagem de Deus pela sua unidade, mas imagem do animal pelas suas divisões. Se o Homem se tornou imagem do animal, então já não o domina, mas imita-o. É o reino da violência. As nações são tão diferentes como as espécies. As fronteiras podem conter a violência, mas não a podem curar. E o mesmo se pode dizer das leis e das nossas «convenções de razão» ou acordos, capazes de conter, mas incapazes de curar a nossa violência que continua a alastrar cada vez mais ¹⁵.

Neste ponto, surge Noé, novo *Adam*, que domina e ordena os animais, salvando-os. Reúne-os na arca, de que ele é o único mestre a bordo, à imagem de Deus. Navega com ele uma nova criação. Abraão, Jacob, José, Moisés, o Cordeiro que, no Egipto, morre em vez do filho, Salomão, o Servo justo que cura os nossos pecados (Is 52,13-53,12), o Filho do Homem por 93 vezes nomeado em Ezequiel, e que é Ezequiel, profeta frágil, que fala frágil e se estatela face à brutalidade de um povo de dura cerviz, o Filho do Homem de Dn 7,13-14 que domina pela doçura as “Bestas” enormes que são os impérios totalitários, idolátricos e inumanos (Neobabilónia, Média, Pérsia, Grécia) (Dn 7,17-18). Enfim o Filho do Homem dos Evangelhos, por 82 vezes nomeado, e que é Jesus, que se expõe à nossa violência, sorvendo-a por amor até ao fim, soberania frágil, firme, do amor. Aí está, à distância devida de Gn 1 e do Homem de Gn 1, o Filho do Homem, o último *Adam*, Sabedoria de Deus, Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que não matará os animais. Não vingará Abel, mas ocupará o seu lugar. Ocupará mesmo o lugar do Cordeiro, animal pacífico, que não mata ninguém, e que simplesmente é morto. O seu sangue não curava as nossas raivas. A Sabedoria de Deus reúne os seus filhos.

2. O temor de Deus é o princípio da Sabedoria

Como em tudo na vida, também na Escritura se deve entrar por uma porta aberta. E, de preferência, acolhedora. Essa porta existe na Escritura. Chama-se Sabedoria. A Sabedoria faz os seus convites nos lugares frequentados, às portas das cidades, nas praças, nos caminhos de acesso (Pr 8,1-3). A Sabedoria está onde está o povo (Pr 8,31). A Sabedoria convida a entrar em sua casa. Mas uma vez que «a Sabedoria é o Livro» (Ecl 24,23; Br 4,1), a casa da Sabedoria é o Livro. A Sabedoria é o Livro, o que

¹⁵ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 86 e 93.

não quer dizer que seja um tratado. A Sabedoria não é um tratado. Também não é a letra ou o som, múltiplos por natureza. A Sabedoria é o sentido dessa letra e desse som ¹⁶. A Sabedoria é Uma (Sb 7,27), como Deus é Um. O Verbo Único de Deus não faz vibrar o ar; não se lhe capta o som; só lhe captamos o sentido ¹⁷. Como se entra, então, na Sabedoria? Podemos formular a pergunta de outra maneira: como se entra no Livro?

Deixemos o Livro responder: «O temor de Deus é o princípio da Sabedoria» (Pr 1,7; 9,10; 15,33; Jb 28,28; Sl 111,10; Ecl 1,14). Segundo esta resposta, a porta de entrada no Livro ou na Sabedoria é o temor de Deus. Na condição de se compreender o sentido desta locução técnica das Escrituras. O temor de Deus não é nenhum dos medos que nos assaltam nem sequer a normal obediência ou reverência a Deus devida, como é vulgar dizer-se ¹⁸. É um frémito, um estremecimento, um calafrio que acompanha todo o amor verdadeiro. Diz a Escritura: «Tu és bela, minha amada, terrível como um exército em ordem de batalha» (Ct 6,4). O que se diz da amada pode dizer-se da Escritura. Refere o Cântico dos Cânticos que «O amor é forte, é como a morte» (Ct 8,6).

A morte e o amor. Há fundamentalmente dois tipos de temor: o temor da morte e o temor do amor. «Da morte, do temor da morte nasce e se eleva todo o conhecimento»: é assim que abre o *incipit* da «Estrela da Redenção», de Franz Rosenzweig, denunciando o cheiro a amoníaco das estratégias dicotômicas da filosofia, que dividem o homem em alma e corpo, e a humanidade em homem e mulher, condenando a mulher à pura geração dos corpos mortais (cada nascimento não é senão contribuir para o aumento dos que hão-de morrer) e elevando o homem à geração das ideias imortais, único remédio para *tà fysiká* ¹⁹. Parafraseando

¹⁶ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 68-69.

¹⁷ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 130.

¹⁸ G. VON RAD, *Israël et la Sagesse*, p. 81s.

¹⁹ Este sistema filosófico, com as suas dicotomias (alma-corpo; homem-mulher), o seu individualismo e a sua auto-suficiência, pode muito bem ser a estratégia ou o dique que o homem foi erguendo ao longo dos séculos contra o medo da morte. Mas a Bíblia ensina-nos a ver a vida a partir da sua condição «natal» e relacional, com todas as consequências que daí derivam. Franz Rosenzweig denuncia muito bem este tipo de pensamento dicotómico no *incipit* da sua «Estrela da Redenção». Mas o mesmo fazem hoje várias mulheres, de que aqui destaco Hannah Arendt e Adriana Cavarero, que trazem para a cena do pensamento dados que têm de ser considerados, acentuando a condição da «natalidade», a importância do «relacional» do masculino e do feminino, etc. Ver sobretudo F. ROSENZWEIG, *La stella della redenzione*, Génova, Marietti, 3.^a impressão da 2.^a ed., 1998, citação na p. 3; H. ARENDT, *La vita della mente*, Bolonha, Il Mulino, 1987; H. ARENDT, *A condição humana*, Lisboa, Relógio d'Água, 2001; A. CAVARERO, *Dire la nascita*, in *Diotima. Mettere al*

Rosenzweig, a Bíblia nasceria, não «da morte, do temor da morte», mas «do amor, do temor do amor», salientando o mundo luminoso, tenro, terno e frágil do nascimento e da vida verdadeira. O amor verdadeiro faz nascer do alto e de outra maneira. É assim que se entra na Sabedoria ou no Livro.

Ensaieemos uma segunda resposta: «Princípio da Sabedoria: adquire a Sabedoria» (Pr 4,7). Outro passo precisa ainda o princípio da aquisição: «Princípio da aquisição: adquire uma mulher» (Ecl 36,24). São dois provérbios que se esclarecem mutuamente. Pela esposa, a Sabedoria é mais do que uma imagem, do mesmo modo que, pela Sabedoria, a esposa é mais do que ela mesma: aponta para o amor que ela inspira, de que ela não é o princípio.

É por isso que, nos primeiros Capítulos dos Provérbios, a instrução da Sabedoria pode resumir-se toda à interdição do adultério, enquanto acto pelo qual dois seres se consideram como tomados ou apreendidos, possuídos, um pelo outro, e não como recebidos ²⁰. Segundo a Sabedoria, o adultério é o grande pecado, porque mina a relação conjugal que vincula o Homem a Deus, relação selada na letra da Lei e continuamente reclamada pelos profetas ²¹.

O princípio da Sabedoria é a própria Sabedoria. A Sabedoria não provém da natureza nem se herda. A Sabedoria é dom de Deus. Desde dentro da acção humana, a Sabedoria declara o seu sentido: tudo é recebido ²². Tem de ser a Sabedoria a tomar a iniciativa e a convidar para entrar em sua casa. Porta aberta desde dentro. De outro modo, o adágio: «Princípio da Sabedoria: adquire a Sabedoria» (Pr 4,7) ficaria para sempre

mondo il mondo, Milão, La Tartaruga, 1990, p. 93-121; A. CAVARERO, *Nonostante Platone*, Roma, Editori Riuniti, 1990, p. 93-122; A. CAVARERO, *Un soggetto femminile oltre la metafisica della morte*, in P. CORDIN, G. COVI, P. GIACOMONI, A. NEIGER (eds.), *Femminile e maschile tra pensiero e discorso*, «Labirinti» 12, Trento, Editrice Università degli Studi di Trento, 1995, p. 15-28; A. CAVARERO, *Politica e violenza. La radice greca*, in *Quaderni di S. Apollinare* (Serie «Scuola della Pace»), n.º 7, p. 1-27 (este caderno, gentilmente cedido pela autora, diz respeito a um seminário que ocorreu no Centro Sant'Apollinare, nos dias 25-26 de Novembro de 1995); V. CHIZZOLA, *Nascere e perire. Prospettive differenti per un'analisi della finitezza?*, in *Annali di studi religiosi*, 5, 2004, Bolonha, EDB, p. 175-191; F. DE LUISE, *Il sapere di Diotima sul crinale dei dualismi*, in *Annali di studi religiosi*, 5, 2004, p. 260-271; M. DURST, *Hannah Arendt e le interpretazioni femministe e al femminile del suo pensiero. Una circolarità virtuosa*, in *Annali di studi religiosi*, 5, 2004, p. 295-308; C. DI SANTE, *L'io ospitale*, Roma, Lavoro / Esperienza, 2001, p. 20-21; C. DI SANTE, *Lo straniero nella bibbia. Saggio sull'ospitalità*, Troina, Città Aperta, 2002, p. 71-73; C. DI SANTE, *Parole di luce. Segnavia dello Spirito*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 49

²⁰ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 126.

²¹ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 155.

²² P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 120.

incumprido ²³. Esta máxima declara, na verdade, a impotência do homem. Entenda-se a impotência do poderoso e do autosuficiente. Declara-se aqui que a Sabedoria não se compra por meio nenhum. «Ao lado dela, todo o ouro do mundo não passa de um punhado de areia» (Sb 7,9).

A Sabedoria dá-se a quem a pede ²⁴. Mas não é à Sabedoria que se dirige o pedido. É aí que se estabelece a diferença última entre a Sabedoria e o ídolo. Rezar à Sabedoria equivaleria a arruinar a sua essência. É àquele que dá que é preciso pedir (Sb 9,1-10) ²⁵. Os caminhos da Sabedoria são os caminhos que ela mesma empreende para vir ao encontro do Homem ²⁶. Quer dizer que não há não há caminho nosso que leve à Sabedoria, não há acessos feitos para ela, não há estrada nem sinalização, porque a Sabedoria não é capturável. Ela é a graça vinda de Deus. E o conhecimento das Escrituras, sendo Sabedoria, é graça de Deus, e, como tal, sempre «preveniência» e «precedência» (Sb 6,16) ²⁷. Não capturável, mas desejável, e acessível só por amor, se o homem se deixar transformar ele mesmo em amor pela oração, leitura e empenho da vida e do coração. Novo nascimento. Desejar ler bem as Escrituras é desejar o divino. É por isso que é preciso rezar para ler bem as Escrituras. Diz, de facto, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

«A leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada da oração, para que estabeleça o colóquio entre Deus e o homem» (n.º 25).

O que é divino obtém-se pela oração. Se o pudéssemos obter por nós mesmos, não haveria nenhuma razão para o chamar divino. Seria então simplesmente humano ²⁸.

A Escritura é o Deus inesperado ²⁹. Abre-se ou dá-se a todo aquele que abre a sua vida a uma verdade diferente daquela que ele pode dominar ³⁰. É, por isso, que o Concílio considera oportuno que

²³ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 155.

²⁴ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 120.

²⁵ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 120-121; M. GILBERT, *Les cinq livres des Sages. Proverbes – Job – Qohélet – Ben sira – Sagesse*, Col. «Lire la Bible» 129, Paris, Cerf, 2003, p. 239 e 242.

²⁶ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 155.

²⁷ P. BEAUCHAMP, *Le proverbe et le répons*, in L. PANIER (ed.), *Le temps de la lecture. Exégèse biblique et sémiotique. Recueil d'hommages pour Jean delorme*, Paris, Cerf, 1993, p. 379-380 [= P. BEAUCHAMP, *Pages exégétiques*, p. 260].

²⁸ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 38.

²⁹ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 41.

³⁰ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 42.

mesmo entre os «não-cristãos» a Bíblia seja difundida com sabedoria (*sapienter*) (DV, n.º 25). Todos podem acolher o amor e nascer de novo. Para outra maneira de viver.

Se Deus escolhe um ou alguns, é para levarem a todos o amor libertador que receberam e que devem viver e testemunhar. Trata-se de uma situação «escandalosa» que tanto pode levar à libertação como à inveja. De facto, alguém pode ser tentado a dizer: «Porque é que Deus escolheu apenas um?» «E porquê a ele, e não a mim?» Imaginemos, em vez deste procedimento, o seguinte cenário: «Deus diz a todos os homens: “Eu amo todos os homens”». Ficaríamos no domínio do imaginário e do insignificante: ninguém ouviria nem prestaria atenção. Imaginemos outro cenário: «Deus diz a alguém: “Eu amo todos os homens; comunica-lhes”». Não seria suficiente. Sentir-nos-íamos vítimas de uma abstracção: bastaria às pessoas saber que são amadas; mas em que é que o enviado se apoiaria para dar esta informação? Na realidade, com a estratégia da eleição, Deus diz a um, a Abraão: «Eu amo-te, estou contigo, quero que todos o saibam, e que, sabendo-o, te bendigam» ³¹ e que, bendizendo-te, se libertem de raivas, ódios e violências, e nasçam como cidadãos de um mundo novo. Deus não salva o homem sem o homem.

3. Ler o Livro, ouvir a Sabedoria, nascer para outra intimidade

Refere acertadamente a Constituição Dogmática *Dei Verbum* ³²:

«Para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo *neles* e *por eles*, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria» (n.º 11).

Este expressivo modo de dizer remete-nos para a finíssima lição do Prólogo da Carta aos Hebreus, onde lemos:

«Muitas vezes e de muitos modos, antigamente, falou Deus aos pais nos profetas (*en toîs prophêtais*); nestes dias que são os últimos, falou-nos *em* um Filho (*en hyiô*)» (Hb 1,1-2).

³¹ Para esta temática muito concreta da eleição, ver P. BEAUCHAMP, *Cinquante portraits bibliques. Dessins de Pierre Grassignoux*, Paris, Seuil, p. 16-17.

³² Para quanto segue, ver P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 16-27.

Finíssimo dizer confirmado um pouco mais à frente, no Capítulo Quarto da mesma Carta aos Hebreus, onde lemos:

«Tornou Deus a fixar outro dia, um hoje, quando há muito disse *em* David (*en David*), como acima dissemos: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”» (Hb 4,7).

Falou Deus aos pais *nos* profetas. Falou-nos *em* um Filho. Disse *em* David. A finíssima, e, talvez por isso, não recebida lição da *Dei Verbum* e da Carta aos Hebreus ensina-nos então que Deus fala *por* Moisés, David, Jeremias ou Paulo, mas fala-nos ainda mais *em* Moisés, David, Jeremias ou Paulo. Quer isto dizer que Moisés, David, Jeremias ou Paulo são obra viva de Deus antes que o sejam os seus ditos, os seus escritos ou as suas cartas. Sem equívocos: a intimidade de Deus com os autores bíblicos precede o dito e o escrito. É o dito e o escrito, o livro ou as cartas, que brotam dessa intimidade. Entenda-se: Deus não fala ao homem do cimo de uma montanha ou do alto de uma muralha vertical e inacessível. Não é esta a autoridade das Escrituras.

Note-se que a locução «falar *em*» não é habitual em português. Mas tão-pouco o é em grego ou em hebraico. Em grego como em hebraico, diz-se habitualmente que Deus falou «através de» ou «por intermédio de» (*diá* ou *en cheirí* em grego; *b'yad* em hebraico) ³³. Falar *em*, e não só *através de*, leva-nos para o terreno da intimidade e da graça e da liberdade. Da Sabedoria. Do Sentido. As palavras não são teoremas. A palavra dirige-se a alguém. O teorema não se dirige a ninguém. Há quem queira as coisas tão seguras, que preferiria que a Palavra de Deus fosse expressa em algarismos ou equações!! Mas, na Bíblia, toda a palavra do céu que nos atinge passa pela terra, por um ponto concreto no espaço e no tempo. Não basta que nos interessemos com aquilo que é dito; é preciso sobretudo prestar atenção a quem diz. Deixar dizer. Até que o sentido irrompa para além do som. Nascerá assim em nós um Homem novo à imagem do Deus Um e da Sabedoria Uma. À imagem do Verbo (*lógos*), que é nascimento, porque é Filho. Filho eterno. Nasce eternamente. E grava em nós a sua imagem, se abirmos o coração à sua luz, lume, sentido, filialidade. Renascemos pelo seu nascimento. Novo nascimento ³⁴. Diz tranquilamente o Prólogo do Quarto Evangelho:

«¹²Aqueles que o receberam (*élabon autón*), deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (*tékna theoù*), aos que acreditam no seu nome; ¹³esses não nasceram do sangue nem da vontade da carne nem da vontade do homem, mas de Deus» (Jo 1,12-13).

Viver recebendo-se como um filho ou uma filha. Sempre. Vida sempre nova. Sempre a jorrar da intimidade do coração de Deus. Intimidade a intimidade. Sabedoria.

ANTÓNIO COUTO

³³ A. VANHOYE, *Situation du Christ. Hébreux 1-2*, «Lectio Divina» 58, Paris, Cerf, 1969, p. 59.

³⁴ P. BEAUCHAMP, *Parler d'Écritures Saintes*, p. 69.